
**ESTRATIFICAÇÕES SOCIAIS, DISPUTAS E CONFLITOS
NA COMUNIDADE CRISTÃ DE CORINTO (D.C. 54-57)**

SOCIAL STRATIFICATIONS, DISPUTES AND CONFLICTS
IN THE CHRISTIAN COMMUNITY OF CORINTH (D.C. 54-57)

Éber da Cunha Mendes*

RESUMO

O artigo é um ensaio sociológico sobre a comunidade cristã de Corinto no primeiro século. Se propõe analisar as fontes bíblicas com uma metodologia de Análise de Discurso, a fim de perceber os estratos sociais e as relações políticas dentro desta comunidade. Os cristãos de Corinto, portanto, formam uma comunidade socialmente estratificada, refletindo a realidade contraditória da própria cidade em seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVES: Igreja de Corinto – estratificação social

ABSTRACT

The article is a sociological essay on the Christian community of Corinth in the first century. Intends to analyze the biblical sources with a methodology of discourse analysis to realize social strata and political relationships within this community. The Corinthian Christians, so they form a community socially stratified, reflecting the contradictory reality of everyday life in your own city

KEYWORDS: Church of Corinth - social stratification

INTRODUÇÃO

O que se pode afirmar sobre a concepção social das comunidades paulinas, e em especial sobre a comunidade de Corinto? A que camadas sociais pertenciam seus membros? Junto a que segmento da população a missão paulina teria alcançado terreno mais fértil? O que se pode dizer sobre ela? Nossa tarefa nesse trabalho consiste em investigar a questão com respeito à comunidade de Corinto receptora do texto conhecido como *O corpo místico* localizado na primeira carta paulina, capítulo 12.12-30.

* Mestre em História Social (UFES/ES). Bacharel em Teologia (MACKENZIE/SP) e Filosofia (FJC/BA). Licenciado em História (FABRA). Pós-graduado em Ensino Religioso e Psicopedagogia (FABRA/ES).

Pretende-se concluir que, apesar da carta aos Coríntios ser de caráter muitíssimo ocasional, ou seja, dirigida às necessidades locais imediatas dos conversos de Paulo, seria um engano considerá-la por isso irrelevante para os dias de hoje, principalmente na questão da metáfora do corpo no estudo da sociedade.

ANÁLISE DAS FONTES

Muitas informações sobre essa comunidade só podem ser levantadas com base em hipóteses. Apesar disso, pode-se afirmar, a partir de textos neo-testamentários¹, que em Corinto se encontrava a mais conhecida das comunidades paulinas. Quais as fontes que temos à disposição para descrever esta comunidade?

A primeira fonte se encontra no livro de Atos. Temos aqui um interessante relato sobre os inícios da comunidade (At 18.1-18). Vindo de Atenas, o centro cultural da Grécia, onde acabara de fazer uma experiência missionária frustrante, o apóstolo chega desolado e temeroso ao novo destino. Ecos do seu estado de animo encontram-se numa das cartas dirigidas posteriormente à comunidade (1 Co 2.1-5). Comparando este texto com o relato de Atos 17.16-34 não se pode fugir à impressão de que a experiência negativa de Atenas provocou uma verdadeira reviravolta em seus métodos e estratégias missionárias. Em Atenas, ele está às voltas com os filósofos na praça da cidade. Em Corinto, o trabalho missionário assume uma nova orientação. Aqui o apóstolo se aproxima de um casal recentemente chegado da Itália, e passa a trabalhar com eles na fabricação de tendas. Em Corinto, portanto, Paulo se aproxima do mundo do trabalho e dos trabalhadores, como já fizera, aliás, também na cidade de Tessalônica (1Ts 2.9).

Aos sábados, prega na sinagoga local. Uma ajuda enviada pela comunidade de Filipos libera-o temporariamente da necessidade de prover o sustento com as próprias mãos, de modo que pode dedicar-se com mais tempo à evangelização (Fp 4.10-20). Sua mensagem sobre a crucificação de Jesus não tarda a despertar a oposição dos judeus. Paulo é obrigado a abandonar a sinagoga, e a casa de Tício Justo, situada nas proximidades, é transformada em novo local de adesão de Crispo, o dirigente da sinagoga, que desencadeia uma onda de conversões ao cristianismo. A tarefa se amplia, e apesar dos conflitos a comunidade tem boas perspectivas de crescimento. Numa visão, Paulo é encorajado a continuar seu trabalho. Quando, no entanto, os judeus investem contra ele e o arrastam ao tribunal do procônsul Gálio, aproxima-se o período final de sua estadia na cidade (At 18.1-11).

Ao todo, Paulo permanece um ano e meio em Corinto, período só suplantado pela permanência em Éfeso (At 19.10). Mais adiante, no final da terceira viagem missionária e às vésperas da viagem a Jerusalém, demora-se novamente por três meses na comunidade (Atos 20.2-3). A segunda carta aos Coríntios (2Co 12.14; 13.1) pressupõe ainda uma visita intermediária não mencionada em Atos, conforme se vê na própria carta. Todo o relato de Atos compreende um período que se situa entre os anos 30 e 62 de nossa era e se passa em Jerusalém, na Judéia, Samaria, depois na zona mediterrânea e, por fim, em Roma (SAOUT, 1991, p.210).

¹ Adotar-se-á os textos da versão da Bíblia de Jerusalém. GRUEN, W. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

As duas cartas escritas à comunidade de Corinto serão usadas neste trabalho como sendo uma segunda fonte de informação. Os ecos de sua intensa movimentação nestas comunidades podem ser vislumbrados nelas. Juntas, elas perfazem em volume quase a metade da correspondência incontestavelmente paulina. E o que é mais importante: em nenhuma outra carta se percebe com tanta nitidez o pulsar da vida da comunidade. De nenhum outro documento do Novo Testamento se pode falar com tanta convicção de que se trata de um escrito circunstancial. Elas foram escritas, na mente paulina, com o objetivo responder e corrigir problemas concretos e específicos da comunidade, ainda que sua leitura possa ser feita de forma ampliada e extensiva (MORRIS, 1986. p.19).

Na primeira carta, Paulo reage a informantes pessoas que lhe confidenciam problemas graves da comunidade (1Co 1.11; 11.18), bem como a uma carta enviada por membros da comunidade com uma série de perguntas (1Co 7.1), às quais ele se reporta na medida em que vai respondendo (1Co 7.25; 8.1; 12.1; 16.1-12.). Na segunda carta, Paulo parece reagir sobretudo a informações trazidas por colaboradores, que intermediam a solução de um sério conflito entre ele e a comunidade (2Co 2.12-13; 7.6). Em ambas as cartas temos informações preciosas sobre o enraizamento social dos membros da comunidade e sobre os problemas teológicos daí decorrentes (CARREZ, 1987, p.69).

Uma terceira fonte de informação pode ser aqui acrescentada: Paulo não escreve apenas cartas aos coríntios, mas também de Corinto. É o caso da primeira carta aos Tessalonicenses, escrita durante a sua primeira estadia na cidade (MARS-HALL, 1984, p.39). Também a carta aos romanos que foi escrita em Corinto, durante a visita mencionada em Atos 20.3. Uma diaconisa residente em um dos portos da cidade foi provavelmente a portadora da carta aos cristãos da capital do Império (Rm 16.1-2). Estas cartas que foram escritas em Corinto também prestam informações indiretas sobre a comunidade de Corinto, tais como as de 1 Tessalonicenses 2.7-9, Romanos 16.21-23, dentre outras (McNEILE, 1927, p.122).

Finalmente, acrescente-se às informações sobre a comunidade de Corinto algumas informações sobre a estrutura social e econômica da cidade de Corinto. Ainda que os dados levantados a seguir devam ser utilizados com alguma cautela, já que a comunidade não precisa ser automaticamente um reflexo da estrutura social da cidade, no entanto servem como pano de fundo em nossa tarefa de esboçar um quadro sobre a comunidade.

Corinto era uma cidade grega localizada ao extremo ocidental entre a Grécia central e o Peloponeso, que controlava as rotas comerciais. Com dois portos ela se tornou um centro comercial e indústrias de cerâmica e bronze, além do artesanato em geral (J.H.H, 1986. p.326).

Por sua localização estratégica entende-se que Corinto era considerada um dos centros comerciais mais importantes do mundo antigo, seguramente o mais importante da Grécia (THEISSEN, 1987, p. 28). Corinto era uma cidade de construções majestosas. O templo de Apolo era um dos mais antigos e veneráveis da Grécia, seus mercados (1Co 10.25), templos (1Co 6.19), tribunal (At 18.12) e teatro (1Co 4.9) nos faz supor que a construção civil formava um importante elemento da economia, mesmo numa cidade sacudida por frequentes terremotos (1Co 3.10-17).

Desde o fim do século quarto até 198 AC., Corinto ficou principalmente nas mãos dos macedônios; nesse ano, porém, foi libertada, juntamente com o resto da

Grécia e reuniu-se à Liga da Acaia. Depois de certo período de oposição a Roma, e de revolução social, a cidade foi arrasada até o chão e seus habitantes foram vendidos como escravos. Em 46 A.C., Corinto foi reedificada pelo Imperador romano que recuperou sua prosperidade (J.H.H, 1986. p.325).

Corinto se tornou uma cidade culturalmente muito heterogênea, à medida que era habitada por italianos, gregos, egípcios, sírios, judeus. Portanto, pessoas de diferentes raças que traziam para Corinto sua herança intelectual, seus costumes sociais, suas crenças e práticas religiosas (KITTEL, 1965).

Em meio às riquezas de Corinto movimentavam-se multidões de pobres e miseráveis, evidenciando o contraste social em que a cidade vivia. De uma população estimada em quinhentos mil habitantes, cogita-se que um terço era de homens livres e libertos, enquanto os demais eram escravos. Doqueiros, biscateiros, escravos, vendedores ambulantes, pequenos artesões, camponeses, imigrantes, mendigos, desocupados, enfim, este era um quadro parcial da população de Corinto. Por outro lado, temos, grandes comerciantes, industriais, latifundiários, armadores, banqueiros, militares, representantes do Império e da ideologia dominantes e demais que usufruíam das riquezas da cidade (CARREZ, 1987, p.79).

CONTRADIÇÕES E CONFLITOS NA COMUNIDADE

Foi neste ambiente que existiu uma pequena comunidade cristã composta na sua maior parte por pessoas simples, de origem gentia e de recente conversão ao cristianismo (1Co 1.26; 12.2). Durante dezoito meses Paulo procurou edificar ali esta comunidade. Outros missionários lhe seguiram, construindo sobre o fundamento por ele lançado e muitas vezes, lançando outro fundamento (1Co 3.10-17). Após cinco ou seis anos, qual o quadro que vemos saltar destas cartas?

A. Uma Comunidade Dividida

O texto de 1 Coríntios 1.26-29 está localizado num contexto em que Paulo, informado por escravos da casa de Cloe, discute sobre a existência de diferentes partidos que ameaçavam dilacerar a unidade da comunidade. Impelidos pela fanática adesão pessoal de uns a Paulo e de outros para Apolo², haviam posto em perigo a unidade da Igreja. Todo o interesse do bloco acaba convergindo para esses dois personagens.

B. Uma Comunidade Estratificada

A comunidade de Corinto se caracterizava por uma estratificação social interna. Uma minoria dominava em termos de influência a comunidade. Vejamos alguns textos que assim comprovam.

² Apolo atuou em Corinto logo após a partida de Paulo, conforme Atos 18.24-19; 19.1 e 1 Co 3.6. Segundo Atos, era homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. Em torno de sua pessoa formou-se um grupo da comunidade encantado com suas qualidades retóricas e com o conteúdo de sua pregação.

A maior parte dos coríntios mencionados nominalmente nas cartas desfruta provavelmente de uma posição social elevada, ou seja, estão entre os poucos sábios, poderosos e de nobre nascimento da comunidade. Basta utilizarmos as informações sobre os cargos que ocupam, a posse de casas, serviços prestados à comunidade e viagens como critérios de verificação de status que chegamos ao seguinte resultado:

- a. Áquila e Priscila (At 18.2-3; 18.26; Rm 16.3-5; 1Co 16.19): Possuíam um pequeno negócio de artesanato; abrigam uma comunidade em sua casa; viajam entre Roma, Corinto e Éfeso; ajudam o apóstolo.
- b. Crispo (At 18.8; 1Co 1.14): Chefe da sinagoga, cargo confiado geralmente a homens ricos, já que além de chefe do culto era também responsável pela sinagoga. Sua conversão ao cristianismo a muito impressionou.
- c. Erasto (Rm 16.23) : Administrador de finanças da cidade;
- d. Estéfanos (1Co 1.16; 16.15-17): Presidiu uma casa. Realiza serviços para a comunidade e para Paulo; viajou para Éfeso, onde está Paulo.
- e. Febe (Romanos 16.1-2): Realizou serviços para a comunidade e para Paulo; viajou para Roma.
- f. Gaio (Rm 16.23; 1 Co 1.14): Sua casa ficou à disposição de Paulo e de toda a comunidade. Nela Paulo escreveu sua carta aos Romanos.
- g. Sóstenes (At 18.17; 1 Co 1.1): Também um dirigente da sinagoga e posteriormente convertido ao cristianismo. Realizou viagens com Paulo.
- h. Tércio (Rm 16.22) Escreve a carta aos Romanos ditada por Paulo. Pode ter sido um escrevente do Estado.

A respeito de alguns nomes, como Acaico e Fortunato (1Co 16.17) Jasão e Lúcio (Rm 16.21) nada sabemos. Os únicos que seguramente pertencem à classe baixa são os da casa de Cloe (1Co 1.11), embora sejam mencionados pelo nome da patroa.

Em resumo, mesmo que critérios isolados não sejam decisivos, sua convergência em muitos casos mostra que os membros mais ativos e influentes pertencem aos estamentos superiores.

C. Uma Comunidade de Disputas

Era universalmente aceito na antiguidade que algumas pessoas, que mantinham um contato especial com a divindade, possuíssem dotes espirituais especiais (MORRIS, 1986. p.132).

Estes dons espirituais tornaram-se símbolos de poder espiritual e status, causando divisões. Muitos que, por lhe faltarem dons espetaculares, estavam sendo postos fora do corpo. Portanto, Paulo estava tratando dos membros mais simples da Igreja. Ele condenava o menosprezo que os possuidores de dons mais visíveis faziam (1Co 12.22-26). Numa sociedade os trabalhadores mais humildes são mais necessários que os de mais altos dons (MORRIS, 1986. p.141).

A influência da maioria se mostra ainda mais num outro ponto: alguns dos problemas abordados na carta dizem respeito a ela. Já mencionamos de leve a

questão dos partidos em Corinto. Tudo indica que se trata de uma disputa por prestígio travada entre membros³ de status social elevado. Desta forma a linha de argumentação de Paulo tem por conseqüência a revalorização de critérios relativos à hierarquia social, porquanto Deus escolhe justamente aqueles que nada são e reduz a nada os que são:

Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, em muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus (1 Co 1.26-29).

A DIFÍCIL CONVIVÊNCIA ENTRE OS GRUPOS

Havia uma espécie de disputa entre os fortes e os fracos sobre o consumo da *carne sacrificada aos ídolos* nos templos pagãos ou em ceias privadas (1 Co 8; 10.14-33). Possivelmente os pobres não tivessem condições de comer carne na vida diária, dependendo das distribuições públicas de carne, promovidas em ocasiões festivas e associadas a celebrações pagãs (1 Co 8.9). Talvez seja por isso que eles sentissem mais dificuldade de desvincular o consumo da carne em celebrações públicas da prática de idolatria. O que não era difícil para os ricos, já que a carne não representava um produto especial, porque fazia parte do cardápio diário deles. Esta pode ser uma hipótese porque eles participavam das cerimônias públicas de cunho pagão sem constrangimentos, sem pensar no escândalo que podiam causar na comunidade cristã. Paulo, em princípio, concorda que eles possam consumir o produto sem preconceitos. Mas critica sua postura arrogante e irresponsável, amparada no conhecimento e na “liberdade”, que na prática significa uma pedra de tropeço para os demais. Este exemplo aponta para o comportamento da minoria dominante como sendo responsável por conflitos com os outros membros da comunidade.

Outro fato que mostra uma tensão entre ricos e pobres é o da celebração da ceia cristã. Ela se tornava um tanto escandalosa, provocada novamente por um comportamento vergonhoso dos primeiros: enquanto alguns, que patrocinam a ceia e trazem a comida, se empanturram e se embriagam antes mesmo do início da celebração, outros, os que nada têm, saem envergonhados e com fome (1 Co 11.17-34). A ceia ao invés de construir o ideal de partilha e comunhão, servia para ressaltar o contraste de uma sociedade dividida, agora reforçado pelo sagrado.

Também na organização dos cargos e serviços da comunidade verifica-se uma situação semelhante (1 Co 12.12-31). O versículo 13 sintetiza o momento teológico do texto: pelo batismo e pela ceia são eliminadas as barreiras étnicas e sociais que os coríntios tão bem conheciam. O batismo em Cristo inseria todos no mesmo corpo. Paulo estaria dizendo que são precisos muitos membros diferentes para formar um corpo e que as diferenças não deveriam afetar a unidade fundamental. A expressão “com Cristo” é bem exposta na carta aos Efésios 5.23 e aos Colossenses 1.18. A base desta afirmação está no capítulo 1.30 da carta aos coríntios. Todo que

³ Os sábios que são as pessoas que pertencem aos círculos mais cultos e instruídos da população. Os poderosos designam pessoas que, com base em seus recursos financeiros, possuem status social elevado e influência política e os de família prestigiosa representam a ascendência distinta e a alta reputação.

está me Cristo constituiu um só corpo com ele e assim é o corpo de Cristo, tem unidade e diversidade. Ao fazer menção dos “judeus, gregos, escravos e livres”, Paulo tenta corrigir a questão das divisões, preconceitos, facções e rivalidades entre os grupos sociais, sendo o Espírito Santo o elemento unificador. O verbo usado no v.18, traduzido pela Bíblia de Jerusalém como “dispôs”, é usado no tempo aoristo⁴ (FRIBERG, 1987, p.536), o que de acordo com Morris, é uma referência à criação, ou seja, Deus fez as coisas assim, planejando o corpo para um bom funcionamento, não privilegiando somente aos mais importantes e espetaculares, mas a todos os membros do corpo (1986, p.141). Pelo menos era isto o que se esperava. Se em Cristo a unidade do corpo e a participação de todos estavam garantidas, na prática a comunidade estava longe de corresponder a este alvo. Pois existiam pessoas que se julgavam supérfluas na comunidade e se habituaram à margem (v.15-16).

O versículo 21, por sua vez, mostra como a situação pode ter-se originado: certas pessoas se acostumaram às margens porque foram desprezadas e dispensadas como supérfluas. Entretanto, Paulo combateu estas posturas discriminatórias e individualistas com o mandamento do amor e com a necessidade de priorizar a edificação da comunidade (1Co 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que esta passagem explica a mobilidade social da época. Ela reflete um comportamento localizável sociologicamente (THEISSEN, 1987, p. 35).

Em termos numéricos não resta dúvida de que a comunidade de Corinto era constituída majoritariamente por pessoas pertencentes à classe baixa. É deste grupo da cidade de Corinto que provém a maior parte dos membros da comunidade cristã. Em concreto, apenas a categoria dos escravos é expressamente mencionada (1 Co 7.20-24; 12,13), o que não exclui outras categorias. Apesar de poucos, também alguns representantes da classe alta fazem parte da comunidade. Os cristãos de Corinto, portanto, formam uma comunidade socialmente estratificada, no que certamente são apenas um reflexo da realidade contraditória da própria cidade.

Apesar de minoritários, os representantes da classe alta são os mais ativos e influentes na comunidade, a julgar pelas informações que as cartas nos fornecem: eles são nominalmente mencionados, seus problemas estão na ordem do dia, remontam a eles boa parte dos conflitos e são eles os interlocutores de Paulo.

Não poderíamos terminar este artigo sem uma última reflexão. De certa forma é inevitável que o apóstolo tivesse escolhido a elite dominante da comunidade como interlocutora de suas reflexões. É ela que assumiu o comando da comunidade. É ela que tem as melhores condições de comunicar-se com o apóstolo, seja por carta ou contatos pessoais. É ela que tem as melhores condições de lidar com alguns mecanismos complicados na antiguidade, como por exemplo, o ato de ler e escrever. Apesar disso, é impressionante notar como em suas reflexões o apóstolo vai integrando e defendendo a causa dos empobrecidos e marginalizados desta comunidade

⁴ O aoristo é no grego um tempo verbal que traz a ideia de um passado perfeito e acabado (Cf. LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de Língua Grega, vol. 3*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991, p.1823).

(cf. At 18.3; 1Co 4.12; 2Co 12.14-18; 1Ts 2.5-12; 2Ts 3.6-16). Neste sentido, vale a pena reler as cartas aos Coríntios na perspectiva dos de baixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARREZ, Maurice. *As Epístolas aos Coríntios*. In: CARREZ, M. ; et. alli. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- FRIBERG, Bárbara. *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- GRUEN, W. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- J.H.H. *Corinto*. In: *O Novo Dicionário da Bíblia Vol I*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- KITTEL, Gerhard. *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965.
- LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de Língua Grega, vol III*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- MARSHALL, I. Howard. *1 e 2 Tessalonicenses. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- McNEILE, A. H. *An Introducion to the Stuy of the New Testament*. Oxford: 1927.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- SAOUT, Yves. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.